

AS CAIXEIRAS DA FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO EM ALCÂNTARA-MARANHÃO E O TURISMO

Cristiane Mesquita Gomes¹

Luzia Neide Coriolano²

RESUMO

O Estado de Maranhão é rico em tradições, a capital constitui polo de desenvolvimento turístico dos mais expressivos, e apesar de entraves econômicos é um expoente de demanda turística. A cidade monumento de Alcântara é mundialmente conhecida por seu conjunto arquitetônico, passado imperial e patrimônio imaterial. O festejo do Divino Espírito Santo no estado é um expoente em tradição e atrativo turístico e na cidade de Alcântara a festa assume novos contornos, trazendo consigo um legado cultural singular por todas as especificidades perante a manifestação no restante do país. Seu diferencial está nas “anunciadoras” do Divino, as caixeiras, que existem unicamente para louvar o Divino, são sacerdotisas, guardiãs de vanguarda dos cortejos durante a festa. A manifestação é unicamente católica na cidade o que a diferencia das demais práticas do toque de caixas no restante do país que estão sempre ligados aos Terreiros de Mina. As caixeiras enfrentam real ameaça de extinção caso não sejam tomadas medidas cabíveis em caráter de urgência. Somente duas caixeiras restam na sede de Alcântara, o que evidencia a dimensão do problema.

PALAVRAS-CHAVE: Turismo; Alcântara; Festa do Divino Espírito Santo; Caixeiras.

¹Esp. Docência no Ensino Superior

Professora do Instituto de Educação Ciência e Tecnologia do Maranhão-IFMA

²Profª Drª Luzia Neide Coriolano

Professora do Programa de Pós Graduação em Geografia -PROPGEO/UECE

Sub Coordenadora do Mestrado Profissional em Gestão de Negócios Turísticos -MPTUR/UECE

Líder do Grupo de Pesquisa Turismo, Território e Cultura - CNPq

X SEMINÁRIO 2013 ANPTUR

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

1 INTRODUÇÃO

O estudo tem como objeto de investigação Alcântara e a festa sagrada e profana das caixeiros do Divino Espírito Santo no contexto sócio cultural do Maranhão. Estado localizado a oeste da região Nordeste do Brasil sendo o segundo maior estado da Região, e conta com 217 municípios em uma área de 331.983,293 km².

O Estado tem origem na luta entre povos nativos e colonizadores, quando no ano do descobrimento do Brasil, espanhóis ali se instalaram. Trinta e cinco anos depois chegam os portugueses que tentaram ocupar o território sem sucesso. Os cenários de guerra só se dissipam em 1644. Desse emaranhado de invasões resulta a miscigenação e o sincretismo religioso que se perpetua no Estado. Índios, negros, portugueses, holandeses, franceses e algum tempo depois, sírio-libaneses, contribuem na formação do povo brasileiro e em especial, o místico povo maranhense, crédulo de lendas e muita fé. Nesse contexto sincrético, várias foram as formas de expressão religiosa e de manifestações culturais dos maranhenses, destacando-se dentre elas, a Festa ao Divino, herança do povo português que é objeto de investigação.

A capital ostenta no litoral uma série de belas praias com dunas exuberantes em extensa faixa litorânea. Entre as praias da capital e as lagoas dos Lençóis maranhenses, encontram-se águas límpidas que desaguam em várias cachoeiras no Sul do Estado. Culturalmente o Maranhão é reconhecido pelas manifestações ricas em tradição como o bumba-meu-boi, tambor de crioula, tambor de mina, manifestações do condado de reis, pastores e festa do Divino Espírito Santo.

Na maioria das cidades do Estado se celebra a Festa do Divino como manifestação local, entretanto é na cidade de Alcântara que se realiza a pesquisa com acuidade, para explicar a tradição das caixeiros da festa, verificar o significado e o que ocorre com esse grupo folclórico tradicional que a duras penas se mantém. Nesse contexto histórico cultural, Alcântara é a área investigada em contextualização com a metrópole São Luís e o estado do Maranhão.

Alcântara, pequena cidade cercada de praias e ilhas desertas pela proximidade com São Luís atraiu aristocratas rurais do Maranhão que ali edificaram sobrados, na década de 1850. Para se chegar a Alcântara há que se atravessar a grande Baía de São Marcos, em viagem que demora aproximadamente uma hora e meia de barco. O sítio urbano da cidade está centrado no continente, mas integra o Golfão Maranhense. As Caixeiros do Divino concerne o objeto de estudo do trabalho e relembra a descida do Espírito Santo sobre os apóstolos. Essa é uma das mais expressivas festas do calendário cultural e religioso do Maranhão.

Justifica-se a pesquisa pela relevância cultural que tem a Festa do Divino Espírito Santo, no Maranhão, tendo sido transformada em atrativo turístico de Alcântara. Pela

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

preocupação constante das caixeiras sobre a continuidade desse legado cultural é que se justifica essa pesquisa. Pretende-se com esse trabalho investigativo também elucidar o futuro dessa forte herança cultural, contribuindo para discussões produtivas que envolvam a comunidade alcantarense, as caixeiras e dirigentes públicos, para que no futuro se possa ser responsável em relação a esse grupo cultural.

Participando-se da Festa do Divino Espírito Santo na cidade de Alcântara desde 2008, optou-se como metodologia da pesquisa aplicar a observação participante com acompanhamento do ritual da festa, em 2013, a começar pelo domingo de Pentecostes quando é iniciado, oficialmente, o festejo na cidade. Os registros dos passos do festejo, assim como a gravação das ladainhas das Caixeiras e depoimentos sobre a iminente preocupação com o futuro da festa constituem dados de análise. O método exige participação lado a lado com as caixeiras, incluindo os ensaios. Por óbvio encetou-se uma revisão da literatura bibliográfica sobre o assunto festa do Divino.

2 O MARANHÃO E O POTENCIAL TURÍSTICO

O estado do Maranhão situado na região Nordeste do Brasil tem como limites geográficos Oceano Atlântico ao Norte, o Piauí ao Leste, o estado do Tocantins ao Sul e Sudoeste e o Pará a Oeste. Compreende área de 331.983,3 km². Possui clima tropical e relevo de costa recortada ao Norte e planície litorânea com presença de dunas e planalto na região interior do estado. Também apresenta vegetação variada contendo: Mata dos Cocais (Leste); mangues na região litorânea, Floresta Amazônica (Oeste) e Cerrado ao Sul. As cidades mais populosas do estado são a capital São Luís, Imperatriz, São José de Ribamar e Timon. Os principais rios são: Balsas, Itapecuru, Gurupi e Mearim (RIOS, 2010). Duas regiões se destacam como atrativos turísticos no estado: a Chapada das Mesas, com as cachoeiras, trilhas e rios, e os Lençóis Maranhenses com as dunas, rios e mar.

Dos primeiros instantes históricos do Maranhão, sabe-se da luta entre povos pela posse da terra. A exemplo do que discorre Lacroix (2012) os espanhóis foram os primeiros a passar por cá, onde hoje se sabe Maranhão, quando do descobrimento do Brasil. A fundação se confunde com a história da capital São Luís, pois em 1612 os franceses ocuparam definitivamente o Maranhão. Num contexto conflitante entre estes e os portugueses. Os franceses só retomaram a colônia, em definitivo, em 1615. O Estado do Maranhão e Grão-Pará foi instituído em 1621 intencionando melhorar as defesas e a ligação com a metrópole já que as relações com a capital Salvador eram entravadas por consequência das correntes marítimas na costa leste do oceano Atlântico. Como consequência do domínio português na região, em 1774, acontece a ruptura entre Maranhão e Pará. Justo por essa forte influência portuguesa no Maranhão houve uma resistência em aceitar a independência do Brasil de Portugal, em 07 de setembro de 1822.

X SEMINÁRIO 2013 ANPTUR

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

Relevar a questão do domínio português, da influência dos escravos traficados para essas terras e o resultado sincrético da miscigenação se faz importante para sustentar o viés cultural da pesquisa.

Do princípio da exploração das terras do Maranhão, é fundamental falar da teoria de que o grande sertão, ao Sul do estado, fora a porta de entrada para migrantes de outras paragens brasileiras como conta CoelhoNetto (1979) em importante pesquisa sobre o Maranhão do Sul. O pesquisador relata que o sertão era o lugar mais afastado dos pontos conquistados pelos colonizadores. Matas densas, acessos inadequados, área de povoados indígenas e outras variáveis que tornavam o cenário bastante hostil e desafiador. Nos primórdios do Maranhão urde, sobremaneira, a miscigenação e o sincretismo religioso objeto da pesquisa. Ainda no século XVI o território maranhense era povoado por índios Tupinambás, Tremembés e Potiguaras, como confirma CoelhoNetto (1979). Sabe-se que o primeiro europeu a irromper o litoral maranhense fora o navegador espanhol Vicente Yañez Piazón ainda em 1500. Lacroix (2012, p. 17) desenha, ao Norte, a invasão por mar e cita:

Desde fins do século XV, europeus, especialmente franceses, vasculharam o litoral brasileiro, em relação amistosa com nativos por meio do escambo. Organizada a frota, velas lançadas ao mar a 19 de março e depois de algumas paradas, os súditos dos Bourbon chegaram a Upaon-Açu a 6 de agosto de 1612. Grande parte da comitiva se hospedou nas vinte e sete aldeias da ilha, completamente integrados à vida nativa, usando os primitivos caminhos como rede de comunicação e os rios em canoas de um só tronco.

A historiadora ambienta as dedutíveis relações miscigenadas que ocorreram àquele período, resultado da união entre europeus e nativos, até então único povo da região. A chegada dos negros traficados para o Maranhão datam de 1671, segundo Lacroix, quando o Padre Antônio Vieira sugere ao Rei solução para o entrave econômico na região em decorrência da ausência de mão de obra indígena (escravizados), como se comprova em seu texto:

Recuperando o território, persistiu o problema da mão de obra. Em 1661, Padre Antônio Vieira sugeriu ao Rei a vinda de negros africanos para o Maranhão. Sugestão aceita. Data de 1671 uma petição assinada por leigos e frades requerendo ao Senado da Câmara de São Luís a compra de escravos vindos em dois navios estrangeiros, pois do contrário consumir-se-ia a ruína da terra, já muito decadente (LACROIX, 2012, p. 33).

Longe de se discutir a forma como se deu o encontro e a mistura desses povos, compreende-se que para a pesquisa a pedra angular é de fato o encontro destes e em que momento da história. E assim verifica-se que a riqueza cultural advinda do trágico processo de desenvolvimento histórico deixa um legado cultural, vasto e rico, explicitando a tendência

X SEMINÁRIO 2013 ANPTUR

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

do Maranhão como forte atração turística. Assim, contemporaneamente, ainda se luta por desenvolvimento econômico significativo, o estado com todo diferencial, oferece atrativos dos mais variados, justo por sua importância na história do Brasil e por ser um dos maiores estados dessa federação. O Maranhão é uma das 27 unidades federativas e a extensão é de 331.935.507 km². É o oitavo maior estado e mesmo assim é somente o décimo sexto mais rico do país. E por sua imensidão, fora ajustada uma forma de governo baseada em “Polos” para que a gestão do negócio turístico se fizesse mais eficaz. Afirma Andrade Filho (2003, p.22): “Os vários governos do Maranhão também vem, ano após ano, buscando soluções para o desenvolvimento do Estado e para a melhoria das condições de vida da população”.

Localizado entre as regiões Norte e Nordeste do país, apresenta rico e diversificado ecossistema, e conta com 640 quilômetros de extensão de praias tropicais, floresta Amazônica, cerrados, mangues, além de delta em mar aberto e o único deserto do mundo com diversas lagoas de águas cristalinas. Tal diversidade leva a necessidade de dividir o estado em Polos para gestão mais apropriada às questões naturais e culturais de todo o estado. Tanta variedade de ecossistema constitui um estado rico em atrativos turísticos.

2.1 A capital maranhense

Com mais de um milhão de habitantes, a capital maranhense tem se desenvolvido no campo da indústria com grandes empresas de diversas áreas que nela se instalaram pela sua privilegiada posição geográfica entre as regiões Norte e Nordeste do Brasil. Com litoral estrategicamente localizado bem mais próximo de grandes centros importadores de produtos brasileiros como os Estados Unidos e a Europa, o que permite significativa economia de combustíveis com redução nos prazos de entrega de mercadorias provenientes de toda a Federação via Porto do Itaqui que é o segundo porto mais profundo do mundo e um dos mais movimentados no tocante ao comércio exterior (RAMOS, 2013). A capital possui diversidade cultural rica em tradições populares que se manifestam através das danças como: tambor de crioula, tambor de mina, bumba-meu-boi e o reggae, o que lhe confere o título de Jamaica brasileira.

Sobre a origem São Luís, “Pequena vila dos palácios de porcelana” (batizada assim por um viajante francês) carrega consigo o título de França Equinocial, mas Viveiros (1992, p. 7) esclarece que “a França Equinocial não criou raízes, durou apenas três anos e quatro meses. Estava ainda em organização, quando lhe sobreveio o desastre de Guaxenduba.” Todo esse histórico guarda um ranço de colonização europeia e para que assim se entenda Lacroix (2012, p.25) trata dessa temática com propriedade e riqueza de detalhes: “A Coroa exerceu influência mais direta e controle mais eficaz sobre São Luís e a série de cuidados por parte de S. Majestade deu à cidade sua condição específica de cidade

X SEMINÁRIO 2013 ANPTUR

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

de conquista.” A autora ainda contextualiza historicamente o momento em que São Luís se torna capital dizendo que: “Em 1621, São Luis foi elevada a capital do estado do Maranhão e Grão-Pará, independente do Estado do Brasil, superintendente todas as outras congêneres amazônicas”(LACROIX, 2012, p. 28).

A capital maranhense é o portão de entrada para os lugares turísticos do estado. É muito mais receptora de turistas do que atração. Seu legado cultural e artístico é pontuado em alguns períodos do ano como o mês de junho para as apresentações do Bumba-meu-boi e o carnaval. Todavia, o número de festejos e manifestações é extenso e tudo é motivo para que se conheça a única capital brasileira que não nasceu lusitana. O fato da capital constituir um dos principais polos turísticos do estado é extremamente relevante para a pesquisa, pois a cidade histórica de Alcântara faz parte do Polo São Luís e aí reside uma série de imbricações que exige uma delimitação específica sobre esse aspecto como se verá a seguir.

Essa terra de demandas culturais, dispõe de praias como a de São Marcos, Ponta D’Área, Calhau, Caolho, Olho d’Água e praia da Guia, comavenida litorânea que ocupa a maior parte delas. Quanto ao patrimônio histórico destaca-se o acervo arquitetônico da Praia Grande, Praça Benedito Leite, Largo do Carmo, Cais da Sagração, Palácio dos Leões, Teatro Artur Azevedo, Fonte de Santo Antonio, Fonte das Pedras, Largo do Ribeirão, Largo dos Amores e Sítio do Físico; além de igrejas centenárias, tais como: a de São José do Desterro, de São Pantaleão, do Carmo, Igreja da Sé, dos Remédios e de Santo Antonio. Por esta riqueza, São Luís compreende um Polo Turístico que abrange também as cidades de São José de Ribamar, Paço do Lumiar, Raposa e Alcântara. Mas a capital do Maranhão apresenta também grandes deficiências, o próprio modelo de gestão descontinuada que impera no país, atinge a pequena vila dos palácios em cheio. Lacroix (2012, p. 558) afirma que:

Este centro de atração turística e lazer oferecido por bares, restaurantes, lojas de artesanato, livraria, pousadas, comercio de alimentos, seria o cartão de visita de São Luis não fora a má conservação dos passeios, dos lampiões, dos prédios, das calçadas, sarjetas, depositário do lixo obstrutor das grelhas e tubulações nas chuvas torrenciais, responsáveis pelo mau cheiro dos esgotos, devido à crônica e má administração da coisa pública, bem como a ausência da iniciativa privada nas ações de conservação. Esta é a cidade de São Luís, cujo perímetro antigo, parte integrante e representativas das páginas da história colonial e imperial, possui atualmente 5.500 edificações, que deveriam ser melhor cuidadas, numa época de mudança de concepção e valorização do passado. O Maranhão, no entanto, continua descompassado das políticas de conservação do patrimônio histórico e do meio ambiente.

De acordo com a crítica de Lacroix compreende-se a dimensão dos problemas estruturais no Polo São Luís em decorrência da gestão pública, o que implica em entraves para as demais cidades componentes do Polo e principalmente para Alcântara que apesar de

X SEMINÁRIO 2013 ANPTUR

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

estar situada no continente, tem acesso mais imediato por mar, o que, deveras, dificulta a chegada de matérias primas necessárias, e alavancada econômica real, tanto quanto “legítima” a inoperância dos gestores. Como resultado da pesquisa de Mestrado sobre Políticas Públicas de Turismo, Vieira (2011) avalia o Polo São Luis mediante os entraves de desenvolvimento, dizendo:

No Polo São Luís –o mais importante do Estado, abarcando a capital e tendo sido contemplado no estudo dos 65 destinos indutores de desenvolvimento regional-a Secretaria Municipal de Turismo tem desenvolvido o projeto Regionalização por meio do projeto Turismo Integrado na Ilha, que envolve os municípios de São Luís, Raposa, São José de Ribamar, Paço do Lumiar e Alcântara. O projeto Turismo Integrado na Ilha foi criado para incentivar a atuação dos poderes públicos e da iniciativa privada na promoção do desenvolvimento dessas regiões. Seu objetivo maior era local, aproveitando as áreas do entorno, como o balneário de São José de Ribamar, a cidade histórica de Alcântara, as belezas naturais da Raposa e de Paço do Lumiar(VIEIRA, 2011, p.92).

A divisão do estado em Polos deveria endossar os potenciais de cada lugar, valorizá-los e estruturá-los para que pudessem chegar a um patamar de desenvolvimento socioeconômico significativo, mas o que se constata nas citações tanto de Lacroix como a de Vieira, é que a ingerência na própria capital, que deveria atuar como indutora do desenvolvimento regional causa danos extensivos ao restante do estado, tanto quanto, às cidades componentes do mais importante Polo, o de São Luís. E assim se compreende a pseudo estagnação econômica em que se encontra a cidade de Alcântara, e a desesperança de que o fato de ser membro do Polo São Luis pouco contribua para o seu levante socioeconômico.

2.2 Alcântara: cidade turística

A cidade de Alcântara apresenta clima tropical quente e úmido com temperatura média anual de 29 graus Celsius. Integra a Região Metropolitana de São Luís e, na atualidade, conta com uma população maior que 22 mil habitantes, fundada em 22 de dezembro de 1648. Foi à primeira cidade histórica amazônica reconhecida como Patrimônio Nacional pelo IPHAN desde 1948. Após a proclamação da independência, foi elevada à categoria de cidade, em 1836.

Há controvérsias sobre o surgimento de Alcântara, há quem afirme sua precedência à São Luís como mostra Viveiros (1999), entretanto, ele próprio cita em sua primeira nota de rodapé, do célebre livro Alcântara no seu passado econômico, social e político, que:

Alcântara não tem, na história, precedência sobre São Luís. É imprópria e inadmissível a comparação de cidade com aldeia indígena. Mesmo que

X SEMINÁRIO 2013 ANPTUR

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

assim não fosse, nada autorizaria a conclusão, pois quando a expedição francesa chegou ao Maranhão, encontrou aldeias tanto em Tapuitapera quanto em Upaon-açu. E as daqui eram mais numerosas que as de lá (VIVEIROS, 1999, p. 15).

Faz-se necessário explicar acerca do surgimento de Alcântara em relação a São Luís, para que se possa chegar ao ponto principal da pesquisa que é a forte herança cultural do povo. Para tanto alicerça-se ainda em Viveiros (1999) que sugere como marco histórico o hiato entre os anos de 1616 e 1618 como possibilidades de início da colonização portuguesa de Tapuitapera. O autor destaca ainda a lentidão do seu desenvolvimento tanto quanto no restante do litoral brasileiro a esse período, mas destaca a paz em Tapuitapera como elemento sobrelevante em relação aos congêneres.

A comunicação em Alcântara com os outros lugares não eram só marítimas; havia também as terrestres. De lá partiam três estradas: a do Pirau-açu, que ia ao Grão-Pará, passando por São João de Cortes, Guimarães, Pindoal, Flexal, Sacramento e margens do Rio Turi, que foi, mais tarde, o limite civil e militar do Maranhão com o Pará. (VIVEIROS, 1999, p. 32).

Retornando ao passado nostálgico e dramático, quando o progresso ainda não punha por estas terras o que só vai ocorrer em 1648, quando a aldeia foi elevada à categoria de vila, mesmo período em que foram construídos, em Alcântara, os primeiros engenhos de cana. Dois anos depois da elevação, a produção já era escoada por embarcação marítima.

É, senão, fundamental retornar no tempo para ressaltar o século XVII, onde se identifica a primeira empreitada de tráfico negreiro para Tapuitapera, como decorrência da inapetência indígena para o trabalho submisso.

Também muito cedo, os colonos de Coelho de Carvalho compreenderam que, enquanto o esforço exigido do escravo índio foi o de abater árvores, transportar toros aos navios, caçar, pescar e guiar os exploradores no mato virgem, ele foi dando conta do trabalho servil, mas no dia em que foi arrancado de seu meio físico e do seu ambiente moral, para as tarefas dos canaviais, dos algodoais e dos mandiocais, ele deixou-se abater, 'envolvendo-se numa tristeza de introvertido' e ficando inútil e incapaz, dentro do sistema de colonização, que ia criar a economia brasileira. Por isso, depois das raízes de Matias de Albuquerque e de Bento Maciel Parente, na primeira metade do século XVII, o colonizador de Tapuitapera deixou a indiada entrar em sossego e seguir o rumo de sua emigração para o norte. Não procurou preá-la. Substituiu-a pelo negro, evitando assim uma dupla guerra, com o índio e com o jesuíta, seu protetor (VIVEIROS, 1999, p. 54).

X SEMINÁRIO 2013 ANPTUR

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

Desta feita, Alcântara torna-se um forte centro de trabalho servil dos negros advindos do Continente Africano o que à época não fugia ao normal em, praticamente, todas as nações. Esse é o ponto histórico preponderante que se busca para ambientar o legado cultural existente na cidade de Alcântara. É nesse momento que se mescla índios, europeus e negros. E como decorrência dessa miscigenação tem-se o expoente da atualidade no calendário dos alcantarenses e a Festa do Divino como resultado da inserção africana por estas terras. Assim, por este e outros motivos, por todo século XVIII, Alcântara tornara-se o celeiro do Maranhão o que durou até o século XIX.

Entre a aldeia dos índios Tapuitapera até a constituição do município de Alcântara já se foram 350 anos. Os costumes resultam da mistura de raças e do ranço da segregação social entre aristocratas brancos em seus belos casarios do século XVIII, dos indígenas que alí viviam e negros serviçais sendo esses últimos os responsáveis diretos, pela herança cultural riquíssima na cidade. Com a queda do preço do açúcar e a abolição da escravidão, a cidade então passou a ser habitada por escravos e descendentes de índios. A partir de então vários quilombos foram erigidos na região. Passam a ser locais de tradição com regras próprias, cultura e forma de produção ímpar.

A importância histórica e cultural dessas comunidades fez com que a Constituição brasileira de 1988 reconhecesse o direito delas aos seus territórios. Em geral, são territórios denominados “remanescentes de quilombos”. Essas comunidades, vindas de doações a ex-escravos, também são chamadas de “terras de preto” ou “comunidades negras”. Seus integrantes recebem o nome de “quilombolas”. Já as terras abandonadas por ordens religiosas deram origem às “terras de santo” e “terras de santíssimo” (SYDOW, 2004, p.83).

São mais de cem comunidades remanescentes de quilombo em Alcântara em uma área de 114 mil hectares. São cerca de 19 mil habitantes, sendo que a maioria descende de remanescentes de quilombos e indígenas. Quase 80% da população vive na zona rural e sobrevive da pesca, agricultura e do extrativismo, praticados de forma artesanal e tradicional. Encravado na grande Área de Proteção Ambiental das Reentrâncias Maranhenses e nos limites da Amazônia Legal, região rica em biodiversidade e recursos naturais. Apesar de ser um dos principais polos turísticos do Maranhão e contar com uma base espacial de alta tecnologia, o município possui apenas um hospital, uma ambulância e uma escola de 2º grau. A maioria das comunidades não possui luz elétrica. As estradas são precárias. O nível de analfabetismo é um dos maiores do Estado (MENDONÇA, 2010).

Por seu passado, apelo cultural e ruínas históricas, desde a década de 1940, Alcântara é conhecida nacionalmente como Patrimônio Histórico Nacional. A aproximação com São Luís, ficando à apenas uma hora de barco, leva à prática do turismo de 24 horas conhecido como “bate-volta”, ou seja, o visitante chega pela manhã, passeia somente pelo

X SEMINÁRIO 2013 ANPTUR

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

centro histórico e retorna à tarde. Desestimular tal prática tem sido o principal desafio da Administração Municipal e do empresariado instalado em Alcântara (RODRIGUES, 2008). Dentre as mais conhecidas atrações turísticas destacam-se: o Museu Histórico e Artístico da cidade que guarda o retrato da antiga aristocracia europeia, o Pelourinho – o atrativo mais visitado, a casa da Câmara e Prefeitura Municipal, onde funcionava a antiga cadeia, o Largo da Matriz cercado por casarões antigos, a casa do Imperador, construção que nunca fora terminada, pois o Imperador aqui nunca chegou, a Igreja e Convento do Carmo, remanescentes do século XVII, a casa do Divino que abriga parte da festa e expõe anualmente os altares, instrumentos utilizados durante o festejo. Todos os pontos turísticos podem ser visitados a pé. As principais festas são a do Divino Espírito Santo em maio e a de São Benedito em agosto.

A cidade possui algumas pousadas que remetem o período colonial e imperial. Alguns restaurantes, com estrutura simples e servem comida caseira ou pratos típicos da região. Também apresenta no rol dos atrativos um razoável número de praias e dentre elas a praia da Baronesa é a mais visitada. Todos os atrativos endossam o convite às pesquisas sobre essa pitoresca cidade, e primordialmente, da relação de Alcântara com a principal manifestação sacro profana a Festa do Divino Espírito Santo. Há uma associação direta da cidade com o segmento do turismo religioso e cultural. Pois, ainda que de maneira incipiente, a relação da cidade com o turismo existe de fato, é notório, e mensurável, o intangível está na relação entre o (sub) desenvolvimento local e o turismo. E como pressuposto da pesquisa apresenta-se vertentes que endossam tais enunciados: Alcântara apresenta tendência ao turismo, entretanto as políticas públicas locais têm influência sobre a continuidade ou não de suas tradições e de seus resultados econômicos advindos do turismo. Diz-se também que a constituição da população de Alcântara por ser remanescentes de quilombo justifica a permanência dessas tradições e que são elementos indutores da atividade turística. Portanto se discorrerá a seguir sobre a Festa do Divino que é reconhecidamente o maior apelo turístico da cidade .

2.3 Festa do Divino Espírito Santo

A festa do Divino é ritual ligado ao Catolicismo que, a exemplo do carnaval e do bumba-meu-boi, apresenta características específicas em diferentes regiões. Assim, as Festas do Divino podem ser encontradas em alguns estados do Brasil como Pará, Maranhão, Piauí, Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Goiás, São Paulo, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, em ilhas do Atlântico como Arquipélago dos Açores, e nas ilhas de Cabo Verde e nos Estados Unidos: na Califórnia realizada por imigrantes açorianos. (FERRETI, 2005)

X SEMINÁRIO 2013 ANPTUR

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

No contexto sacro a Festa do Divino é descrita por Pereira (2005) como “uma comemoração do catolicismo popular, amplamente celebrada em todo o Brasil. Pode-se perceber sua presença em grande parte dos estados brasileiros: Santa Catarina, Minas Gerais, Goiás, Maranhão, Amazonas etc.” (PEREIRA, 2005, p.24).

De sua égide no país, o autor faz facultativo seu posicionamento na linha do tempo: “A festa chegou ao Brasil no século XVI com os portugueses e, principalmente, com a vinda dos imigrantes açorianos para a cidade do Rio de Janeiro e o Estado de Santa Catarina” (PEREIRA, 2005, p.26). É comum se associar a sua origem aos Açores. Os açorianos eram moradores das ilhas Açores, no arquipélago da Dorsal Média Atlântica, responsáveis por realizar expedições dos descobrimentos para a chamada Carreira da Índia e das frotas da prata para o Brasil.

A festa é realizada tradicionalmente no mês de maio, com encerramento no domingo de Pentecostes. Mistura lendas, história e religiosidade. O processo dura em média 15 dias, em Alcântara são 13 dias, tempo para realização de diversos rituais, como procissões, levantamento do mastro, louvores, banquetes e missas. A organização dos eventos é de responsabilidade de um grupo chamado de corte do Império, formado por adultos, que são representados nos altares festivos e procissões por crianças, nas funções de Imperador ou Imperatriz (a cada ano um deles se reveza no papel principal), mordomos-régios, mestre-sala e vassallos. A corte se veste com luxuosos trajes, a exemplo do que era o figurino imperial. Fazendo assim alusão sobre o que seria a visita que Dom Pedro à cidade ainda no século XIX, quando Alcântara era uma das mais ricas cidades do país, graças à produção dos engenhos de cana-de-açúcar e também de algodão.

De acordo com os registros históricos, e mito popular, duas das famílias mais ricas da cidade disputaram quem faria o palacete mais opulento, mais rico, para hospedar o Imperador, entretanto Dom Pedro teria desistido de fazer a viagem, assim às construções foram abandonadas e suas ruínas ainda se sustentam nas ruas da cidade, junto com as de outros prédios que pereceram frente às intemperes. O louvor ao Divino exalta o poder do imperador como agente de Deus na terra. O cortejo do império traz alegria e farta distribuição de comida e bebida, com vários bailados e queima de fogos. Esta Festa, também realizada em outros estados, adquire contornos próprios no Maranhão, e, em especial, em Alcântara.

2.4 Os diferenciais do Divino em Alcântara

A associação ao catolicismo e a presença marcante de mulheres como elemento imprescindível para preservação da cultura popular local são algumas das marcas da Festa do Divino Espírito Santo alcantareense. Um dos pontos altos da festa é a arrancada do mastro

X SEMINÁRIO 2013 ANPTUR

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

efetivada as margens do Rio Peptal, em uma área mais distante da cidade, um tronco de pericurana é revestido na tarde de quarta-feira com folhas de murta.

No calendário alcantarense o primeiro dia de festa é retratado pela passeata e levantamento do mastro da Imperatriz ou Imperador. No segundo dia acontece a alvorada das caixeiros e músicos no mastro do império, uma missa solene de ascensão na Igreja do Carmo, com a coroação do Imperador ou Imperatriz, em seguida passeata do cortejo pelas ruas da cidade retornando para a casa do Divino e fechando o dia há a prisão dos Mordomos pelo Império. No terceiro dia há a passeata e levantamento do mastro e depois ladainha na Igreja. No sábado da festa o dia se inicia com alvorada das caixeiros, segue com ladainha na Igreja e visita do mordomo pela cidade. No domingo é praxe a missa solene na Igreja e visitas do mordomo. Na primeira segunda feira o dia se inicia com ladainhas na Igreja do Carmo. Na terça seguem-se as ladainhas. Na quarta feira ladainhas e visitas até a sexta feira quando chega o dia da subida do boi com mais ladainhas e visitas do mordomo. No segundo sábado é chegado o momento da distribuição das esmolas aos idosos e mais ladainhas. No último domingo há a missa solene, em seguida o cortejo e o retorno à casa do Divino, depois procissão com a coroa do Divino e retorno à igreja com a leitura do peloro constando os nomes dos novos participantes para o ano vindouro e na última segunda feira acontece a entrega do posto de festeiro aos novos ingressantes. Nessa resenha da festa instituída em Alcântara as caixeiros ocupam um patamar de destaque em todo o período, não somente por seu significado dentro dessa prática cultural, mas também pela singularidade com que fazem ressoar o toque das caixas. A sonoridade das caixeiros alcantarenses é reconhecida por seu fazer muito pessoal, pitoresco, diferente de todos os outros de qualquer canto do Brasil.

Na cidade de Alcântara ocorre ainda outra particularidade. Ao contrário dos outros municípios, o Império, constituído de um casal de Imperadores – o feminino e o masculino – passa por uma alternância: em um ano é regido por uma Imperatriz, e em outro, por um Imperador. Além dos imperadores, a divindade também é representada por vários pares de Mordomos Régios e Mores, são estes que, posteriormente, substituem os imperadores. Dessa forma, a presença de uma Imperatriz denota ainda mais a importância da mulher na constituição dos significados culturais da Festa do Divino no Maranhão e especificamente, em Alcântara. Assim, as mulheres representam o poder imortal da Divindade, distinguindo-se do que ocorre em outras regiões do Brasil, onde atuam apenas na condição de esposa de Imperador.

Sob esse aspecto, é notório que a demarcação da identidade da Festa no Maranhão dá-se por meio das mulheres, principalmente das Caixeiros, bem como dos elementos a elas relacionados. Isso também é perceptível nos depositários do sagrado que ali são representados: a Santa Crôa – a Coroa do Divino –; as Caixeiros, que são suas sacerdotisas; o Mastro; a Bandeira Real; as Bandeirinhas; o Pombo Branco; as Cantigas, as

X SEMINÁRIO 2013 ANPTUR

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

Caixas e as Vaquetas, Vanquetas ou Gambitos com as quais elas são percutidas; o Cetro; e o Capote.

A Festa do Divino Espírito Santo é um exercício cultural secular que ambienta uma história dentro de outra história. É o presente entremeando o passado e o futuro de uma cultura. Os alcantarenses são pessoas simples que vivem certo “isolamento” mantendo suas tradições, a duras penas, mas firmes em originalidade e por isso a atratividade. Os viventes que mantem as tradições alcantarenses alimentam a sua história de reminiscências de quilombos, um passado glorioso, perdido nas agonias econômicas a que se submeteu na transição do antigo Império, lhes confere, ao que tudo indica, certo saudosismo que é o próprio mantenedor das antigas tradições que só se aprendia com os antepassados. Entretanto, quanto ao futuro da tradição alcantarenses, muitas são as dúvidas e os temores das caixeiras alcantarenses acerca dessa prática. Toda uma cultura mantenedora da história dessas mulheres precisa ser preservada.

3 AS CAIXEIRAS DA FESTA DO DIVINO EM ALCÂNTARA

Caixeiras são mulheres sacerdotisas que há muitas gerações conduzem os rituais festivos para o Divino Espírito Santo. O toque das caixas é uma prática socialmente reconhecida no estado do Maranhão com direito e incentivo ao aprendizado, às trocas, às viagens para tocar e à formação de grupos. São elas, as caixeiras, que conduzem os complexos rituais religiosos dos cultos festivos.

Elemento constituidor da Festa do Divino no Maranhão, as Caixeiras formam um grupo restrito com código próprio de conduta e de exigências do conhecimento, difundido, respeitado, e transmitido de geração em geração. Assim, a sabedoria em tocar caixas e entoar cânticos, repetidos de cor ou improvisados se remete ora ao resgate de uma herança histórico-cultural, ora a preocupação presente de preservação da sociabilidade do grupo bem como de sua identidade cultural.

As caixeiras de Alcântara são, em sua maioria, oriundas de quilombos, a origem se confunde com a construção coletiva do ritual. Numa construção dialética, constroem a si próprias e aos cânticos em louvor ao Divino partindo de suas experiências diárias. No livro *Caixeiras do Divino de Alcântara: o bater da caixa significa estou convidando as foliãs*, encontra-se a explicação sobre que música é essa: “são ternários ou binários compostos, ambos envolvidos com a expressão em círculo, e nos carregam para a experiência do tempo circular, mantrico” (IPHAN, 2009, p. 11). As caixeiras formam um grupo restrito com regras próprias para inclusão de novas participantes. Para inserir-se nesse congregado de caixeiras é necessário atender a um “código de conduta” ou conhecimentos específicos do toque de caixas. São as caixeiras as grandes responsáveis pela construção da base material para a realização da Festa do Divino em Alcântara antes do século XX (IPHAN 2009).

X SEMINÁRIO 2013 ANPTUR

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

A origem das caixeiras está sempre ligada às classes sociais menos abastadas e em Alcântara, as senhoras do Divino são, via de regra, mulheres idosas que sustentam famílias com aposentadorias de trabalhadoras rurais. “Exercem uma função ritual e profissional estreitamente conectada com a devoção e compreensão da partilha e do compartilhar” (IPHAN, 2009, p. 18).

A morte de uma caixeira representa perda absoluta do repertório, pois a maioria dos cânticos acontece de improviso. No processo de sucessão as caixeiras novas recebem “treinamento” durante os ensaios para a Festa do Divino ou durante os cortejos de viagens para “esmolar” (recolher donativos). Nesses momentos as novatas praticavam o toque e a entonação para os hinos. Os versos que compõem são cantados em momentos pontuais durante a Festa como no diálogo com a Santa Crôa, ou com o diálogo com outras caixeiras. Em outro momento os cânticos podem acontecer saudando quem chega à Festa. Há também cânticos da Alvorada e dos cortejos. Os cânticos sempre invocam a proteção ao Divino, associando melodia e toque de caixas com improviso criativo, de forma individual ou coletiva.

Em entrevistas às caixeiras e gestores locais percebe-se que há uma forte ameaça a essa tradição na cidade e nas palavras dos entrevistados a preocupação com a continuidade é constante. Uma delas de 82 anos é caixeira desde os seis anos de idade, aprendeu com a mãe o toque de caixas e diz que as mães das adolescentes já não querem que suas filhas sejam bandeiras e que a Festa do Divino sem Caixeiras não tem sentido. Em Alcântara as caixeiras são também coreiras em outro período do ano. Alegam que os ensaios ocorrem na MARATUR sediada na cidade e que as bandeiras mudam sempre de um ano para o outro. Para essa informante só existem três caixeiras em Alcântara, Ela, sua irmã e outra senhora, acredita que após a sua morte tudo vai depender dessas para que a tradição continue. Encerra a entrevista dizendo que se acabar o batuque das caixeiras, acaba tudo. Sugere a criação de oficinas para manter a tradição, mas não sabe como isso pode ser feito, se as mães não querem que as filhas participem.

Diz a caixeira de 69 anos que há 40 anos aprendeu a tocar com as caixeiras mais velhas e que hoje já não se passa de mãe para filha, se treina bandeiras desconhecidas que um ano participa e outro não, diz que todo ano é preciso chamar caixeiras das comunidades vizinhas e vê que a solução é criar oficinas anuais para a continuidade da tradição.

O coordenador da Festa do Divino em Alcântara diz que a importância das caixeiras na Festa é primordial, pois o festejo nos remete a época da escravidão e elas que representam os escravos na senzala quando estes se reuniam para tocar as caixas. O principal problema percebido por ele com as caixeiras em Alcântara, é a sucessão. Ele alega ter 55 anos de festa do Divino e que hoje a festa mudou muito a começar pelo número de festeiros que já foi de 13 festeiros, todos fazendo festa com caixas (participação de caixeiras), hoje eles tem somente dois festeiros, porque não pode ter a festa sem o toque

X SEMINÁRIO 2013 ANPTUR

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

das caixas, o número de festeiros é pequeno e número de caixeiras é também mínimo. Lamenta ter que recorrer à zona rural para trazer caixeiras. Ele só aponta as 3 caixeiras de Alcântara e diz que estão treinando uma outra. Sugere como estratégia para manter o toque de caixas um seminário para sensibilizar a população local sobre a importância desta herança cultural e solicita que se façam oficinas para treinar as futuras caixeiras. Complementa o depoimento dizendo que está lutando desde o início desta gestão municipal para que esta ideia se torne realidade. O entrevistado se apresenta bastante preocupado com o futuro das Caixeiras e da Festa do Divino na cidade de Alcântara. Ele diz também que a festa local não pode sofrer alterações, ela é única no Maranhão, no Brasil e no mundo, por seu formato onde as caixeiras são as apresentadoras do Divino. Diz que essas caixeiras só existem em Alcântara e por isso não pode ser perdido. Encerra a entrevista dizendo que seu medo é de que desapareçam as caixeiras e por consequência que a Festa do Divino na cidade seja extinta, a festa sem caixeira, diz ele, ficaria nua.

A Diretora da Casa Histórica de Alcântara, fala da importância das caixeiras para Alcântara como “cultura viva” de descendência afro, que ainda conservam muitos rituais tradicionais da Festa do Divino, ainda apresentam características primárias da Festa tradicional. Diz que existem caixeiras no paistodo, mas todas são voltadas para o Terreiro de Mina e em Alcântara elas são unicamente caixeiras do Divino. Mas em contradição ao que pensam os demais entrevistados a Diretora do Museu diz que em Alcântara existem muitas caixeiras, mas na ativa somente três. Só estas continuam carregando a Bandeira do Divino, as outras deixaram de praticar o sacerdócio ao Divino por vários fatores pessoais, mas afirma que no interior ainda há muitas caixeiras e por isso não sente a tradição tão ameaçada assim. Diz que faz sempre trabalho de resgate de caixeiras, mas que é preciso frisar que todas elas precisam pausar suas vidas durante quinze dias para dedicarem-se ao Divino e isso é um problema para elas, pois quebra suas rotinas. A entrevistada diz não crer que as caixeiras estejam sob a ameaça de extinção e afirma que o problema mesmo é a falta de incentivo para as caixeiras. Afirma que não há nenhuma medida sendo tomada no momento, em prol das caixeiras, diz que o IPHAN e a própria prefeitura já apresentam proposta de resgate dessa tradição, mas que ainda não fora implementada e não sabe o porquê disso. Mas que o prefeito tem prometido desenvolver a proposta. Acredita que nada tenha acontecido ainda por falta de reconhecimento, por parte dos gestores locais, da importância de manter a cultura. Acredita que os locais e seus gestores ainda não tenham atentado para o valor desse legado cultural, tanto da Festa do Divino Espírito Santo como as demais festas de Alcântara. Afirma, por último, que tanto o patrimônio material, como o imaterial e ambiental da localidade vem sendo negligenciados por desconhecimento da importância na localidade.

X SEMINÁRIO 2013 ANPTUR

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Maranhão é um estado rico em tradições, a capital constitui um forte polo de desenvolvimento turístico dos mais expressivos, e apesar de seus entraves econômicos ainda é um expoente de demanda turística. A cidade de Alcântara está à mercê das deliberações governamentais e apresenta significativo déficit estrutural e econômico tanto para os moradores locais como para os visitantes.

O festejo do Divino Espírito Santo no estado é um expoente em tradição e atrativo turístico e na cidade de Alcântara a festa assume novos contornos, trazendo consigo um legado cultural singular por todas as suas especificidades perante a manifestação no restante do país que conta com cenário de caixeiras que existem unicamente para louvar o Divino, são as sacerdotisas e únicas responsáveis pelo anúncio e cortejos da festa. Essa manifestação é unicamente católica na cidade o que a diferencia das demais práticas do toque de caixas no restante do país que estão sempre ligados aos Terreiros de Mina. As caixeiras enfrentam uma real ameaça de extinção caso não sejam tomadas medidas cabíveis em caráter de urgência.

A juventude local, assim como, a exemplo dos entrevistados resiste em apoderar-se da cultura para contribuir com a manutenção e continuidade. Todos os anos há uma volatilidade com as participantes da Festa do Divino que poderiam tornar-se futuras caixeiras. E por esses motivos é unânime a ideia de que oficinas de treinamento para caixeiras se faça realidade. O festejo na cidade é um expressivo atrativo turístico e carece de atenção e gestão dirigida para tal. O festejo do Divino Espírito Santo em Alcântara só existe com as caixeiras e sem as mesmas essa manifestação perde o sentido.

Assim considera-se necessidade iminente sensibilizar a comunidade local, tanto quanto os seus gestores, da importância cultural de tal manifestação, despertando nos alcantarenses um comprometimento de mantê-la. Todos os cidadãos carecem desenvolver um sentimento de pertencimento as suas práticas culturais para que venham a ser os mantenedores imediatos e constantes de tal expressivo legado cultural.

X SEMINÁRIO 2013 ANPTUR

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

REFERÊNCIAS

ANDRADE FILHO, Kenard Pacheco de. **Uma avaliação do Pólo Turístico de São Luis (Ma) com ênfase na demanda turística internacional**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Pernambuco. 2003.

COELHO NETTO, Eloy . **Historia do Sul do Maranhão**. Belo Horizonte: Editora São Vicente. 1979.

FERRETI, Sergio F. Texto Publicado no catálogo da **Exposição Divino Toque do Maranhão**. Rio de Janeiro: Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular/IPHAN/MEC, 2005.

IPHAN . **Caixeiras Do Divino Espirito Santo**: no bater da minha caixa estou convidando a folia. São Luis-Ma. 2009

LACROIX, Maria de Lourdes Lauande. **São Luís do Maranhão**: corpo e alma. São Luis, 2012.

PEREIRA, Carla Rocha. **Devoção e identidade**: a festa do Divino Espírito Santo da Colônia Maranhense no Rio de Janeiro. Tese de Doutorado: UFRJ, Rio de Janeiro. 2005.

RAMOS, José de Oliveira. **Os problemas urbanos de São Luís**. 2013. Disponível em:<<http://blog.jornalpequeno.com.br/josedeoiveiramos/>>. Acesso em: 26 mar.2013.

RIOS, Luis da Silva. **Geografia do Maranhão**. São Paulo: FTD, 2010.

RODRIGUES, Reginaldo. Alcântara: **Patrimônio Histórico Nacional que busca a consolidação do turismo**. 2008. Disponível em:<<http://www.jornalcazumba.com.br/index.php?conteudo=noticia&idconteudo=567>>. Acesso em: 15 mar.2013.

SYDOW, Evanize. **Alcântara**: Vida e Resistência: Comunidades Remanescentes de Quilombos de Alcântara, Maranhão. São Paulo, Rede Social de Justiça e Direitos Humanos, 2004.

VIEIRA, Aline Rodrigues Mendes. **Planejamento e Políticas Públicas de Turismo**:

Análise dos módulos operacionais do Programa de Regionalização do Turismo no Pólo São Luís –MA. 2011. Dissertação de Mestrado Universidade de Brasília Centro de Excelência em Turismo Mestrado Profissional em Turismo.

VIVEIROS, Jerônimo de. **História do comércio do Maranhão**, 1. vol. Reedição Fac-similar, São Luis: Associação Comercial do Maranhão, 1992.

_____. **Alcântara no seu passado econômico, social e político**. 3 ed. São Luis: AML/ALUMAR, 1999.

MENDONÇA, Maria Luisa . **A Base de Alcântara e as Comunidades Remanescentes de Quilombos**. 2010. Disponível em:<<http://chiapas.laneta.org/desmilitarizacion/encuentro/ponencias/mlm04.htm>>. Acesso em: 28 mar. 2013.

X SEMINÁRIO 2013 ANPTUR

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul